

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE ENFERMAGEM

**NUPEQS * Núcleo de Pesquisas e Estudos
sobre Quotidiano em Saúde**

Sub Grupo História Oral

***A História da Escola de Enfermagem Carlos
Chagas***

APARECIDA FERREIRA MOURA

Belo Horizonte

Minas Gerais

Traços Biográficos

APARECIDA FERREIRA MOURA

Nasceu em Santana do Jacaré e estudou em Campo Belo [MG]. Por influência de uma amiga optou pelo curso de enfermagem e aos 20 anos mudou-se para Niterói [RJ] para graduar-se em enfermagem. Estudou na Escola de Enfermagem da Universidade Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, em regime de internato, onde era bolsista do Serviço Especial de Saúde Pública [SESP].

As aulas eram ministradas na Escola Fluminense de Medicina, e também no Hospital Universitário Antônio Pedro, logo após sua inauguração.

Fez estágio em diversos lugares, devido a falta de professoras especializadas, em Niterói. No estágio de saúde pública visitou presídio, favelas, realizou visitas domiciliares de barco, participou de campanhas de vacinações, sendo para a entrevistada uma experiência maravilhosa. Participou, como aluna, da política estudantil, representando sua escola na UNE [União Nacional dos Estudantes].

Formou-se em 1953, e no mesmo ano trabalhou na Santa Casa, de Campos [RJ]. Devido ao seu ótimo desempenho tornou-se professora da escola. Fez um curso de especialização em obstetrícia no Hospital de São Paulo, por vontade de atuar na área preventiva. Depois disso, teve inúmeras experiências na área de prevenção, assistencial e de ensino.

Em 1956 foi para a Escola de Enfermagem de Manaus, onde além de professora, foi enfermeira chefe da maternidade, vivenciando situações interessantes na região.

Em 1957 foi para a Escola de Enfermagem Carlos Chagas, em Belo Horizonte [MG], atuando como professora da prática, do primeiro curso de Especialização em Obstetrícia oferecido pela Escola. Posteriormente, continuou

Participou da reorganização de muitas maternidades, empenhando-se, inclusive na luta pelo não fechamento da Maternidade Odete Valadares. Participou da campanha para aleitamento materno, em Minas Gerais.

Ajudou a fundar cursos de preparo para gestante nos hospitais IPSEMG, Odete Valadares, Santa Casa entre outros, em diversos lugares. Em 1965 fez um concurso no IAPI, sendo nomeada para o cargo de chefe do pré-natal. Posteriormente trabalhou na puericultura do INAMPS, do Hospital da Baleia, fundando lá, a consulta de enfermagem.

Aposentou em 1986, como professor adjunto da EEUFMG

SUMÁRIO

FITA 1 – LADO A

Sua infância, influência de sua amiga Evacir Cardoso na escolha do curso de Enfermagem, a dificuldade de convencer a família, o internato na escola do Rio de Janeiro, as horas de lazer, o ensino teórico e prático, o “episódio do cadáver”, o uniforme, referência à Waleska Paixão, então diretora da Escola de Enfermagem Anna Nery, a relação com as alunas desta escola, sua passagem pela Escola de Enfermagem Luiza de Marillac, estágios realizados na época da graduação, a questão da “aluna sênior”, o paciente Sr. João, eventos da escola, a entrega do emblema da escola no término do preliminar, participação na política estudantil, o episódio comunista, o trauma do estágio de psiquiatria, atuação na Santa Casa de Campos [RJ].

FITA 1 – LADO B

Experiência inicial como professora, a experiência no Hospital Antônio Pedro, a política de Carlos Lacerda, o suicídio de Getúlio Vargas, a cerimônia de formatura, atuação inicial como enfermeira em centro cirúrgico, o episódio do incêndio, o curso de especialização em obstetrícia, o trabalho em Manaus, a relação com os médicos, relatos de casos e experiências com gestantes, o trabalho na periferia e igarapés, a vinda para a EECC, o curso de especialização em Obstétrica da EECC, a relação com a irmã Cecília Bhering, a relação com as alunas, a casa para as alunas do curso de especialização como também para gestantes, a “Casa de Tolerância”, a “Colméia”, o término do curso de especialização da EECC.

FITA 2 – LADO A

Retoma sobre o curso de especialização, a amizade com a professora Vitória, colegas da época, a saída da casa da mãe solteira, as festas no Clube do Cruzeiro, como conheceu seu marido, a compra da primeira sede da ABEn, o episódio da fuga de alunas do internato, o relacionamento com a irmã Emília Clarizia, a questão da ligadura de trompas, as reuniões dos professores com a irmã Emília, a luta para o não fechamento da Maternidade Odete Valadares, o período como professora de obstetrícia, as dificuldades para campos de estágio, o aluno do sexo masculino, a discussão sobre a autoria dos partos, os “convites” para trabalhar, o curso [mestrado] e o falecimento do seu orientador, o concurso para professor adjunto, sua atuação na área materno-infantil, sua atuação no INAMPS, o problema dos dois empregos, o pedido de demissão, a aposentadoria.

ENTREVISTA

FITA 1 LADO

Valda.: Onde você nasceu?.

Aparecida.: Em Santana do Jacaré e passei dez anos lá. Quando eu terminei o curso primário aí em Grupo Escolar João Alves Lucas aí meu pai mudou para, que eu, eu fiquei dez anos né morando em Campo Belo, quando eu terminei o curso normal aí eu fui estudar enfermagem no estado do Rio.

V.: Então nesse período da, de Campo Belo ou Santana do Jacaré, alguma lembrança especial ou alguma coisa que se queria contar pra gente de importante que você acha.

A.: Não, até os dez anos eu tinha assim, uma infância né, muito bom, muito, numa cidade pequena que a gente, tinha brinquedo de rua né, de, de todas as brincadeiras de rua, às dez horas a gente entrava né. E depois também gostava muito de correr e de brincar no rio né, lá tem o rio, rio Jacaré, e, era muito gostoso.

V.: Quando você foi fazer enfermagem o que que te levou a, a fazer enfermagem, o que que te motivou a escolher a profissão de enfermagem.

A.: É porque na escola normal São José, em Campo Belo eu tinha uma amiga inseparável né, a Evacir Cardoso, e a Evacir nós jogávamos vôlei né, é, eu ajeitava pra ela. E aí ela foi estudou enfermagem quando formar, formou um, assim, antes de mim um pouco, aí foi pro Rio né pra Niterói estudar enfermagem. Quando ela voltou me contou tanta história e eu estava me formando, eu e, não sei, é, uma tia dela, era minha colega, mais nova do que ela mas era tia dela.

G.: Que histórias que eram essas.

A.: Então, ela contava história do mar, dos barquinhos, de milhões de coisa, eu nem nunca tinha ouvido falar de enfermagem né. E ela me contou muita coisa e eu falei: "Nossa, estou com uma vontade de conhecer o mar né, e, me falava de enfermagem, eu não sabia né, quem sabe dá pra eu fazer esse curso com vocês", aí começou, "dá sim, eu te levo aí, aí a Zélia também queria ir, que era tia dela né a Zélia Cardoso era minha colega, aí nós fomos as duas com ela pra estudar, aí foi dificuldade meu pai né deixar, aquele negócio de sair de casa né, com vinte anos, já estava preparando quem arranjava casamento logo a gente já tinha candidatos, aí foi difícil mas deu pra, pra acertar.

V.: A dificuldade que você vê em relação a sua família foi porque você ia pra outra cidade ou por causa da profissão que você tinha escolhido.

A.: Não, tinha nada a ver, meus pais não conheciam nada sobre a profissão e a dificuldade mesmo era que naquela época era difícil sair das famílias, as filhas tinham dificuldade pra sair.

V.: E como é que você foi, onde você morava lá no Rio, como que era esse início da enfermagem.

A.: Era internato, internato, escola com, ainda peguei internato lá no estado do Rio; muito bom, eu tenho o desenho da escola aí, sabe, depois eu mostro pra vocês.

V.: E como que era essa vida no internato.

A.: Era ótimo né, a gente levantava cedo e, tinha o período preliminar a gente não ia no hospital né, naquela Lei 775/[49]. Então foi a primeira lei de enfermagem que eu peguei. Então a gente estudava de manhã e de tarde, era muito apertado porque o curso normal não dava uma base muito boa em química e física né. Então a gente tinha que estudar muito porque se tomasse bomba né, teria, vi vocês falando lá aquele dia, isso é verdade, em todas as escolas né, então no período preliminar eu passei com muita dificuldade nos estudos mas passei.

V.: Como é que era, falando ainda do internato, é, quem morava no internato, era pago, como é que era.

A.: Não, era, a gente ainda ganhava bolsa, eu era bolsista do SESP [Serviço Especial de Saúde Pública], ganhava 250,00 reais por mês e tinha é, a hospedagem né, ficava na escola, como se fosse uma casa, tinha umas professoras que também morava lá, diretora e, a gente morava assim de duas no quarto, às vezes três e às vezes quatro, era muito gostoso, muito bom.

G.: Quando que foi isso, que você foi pra escola, que você entrou.

A.: De mil novecentos e cinqüenta a cinqüenta e três.

V.: Que você estudou.

A.: Que eu estudei.

G.: E essa bolsa, quem que ganhava bolsa.

A.: A bolsa, o SESP, o SNT né, o Serviço Nacional de Tuberculose e tinha outras lá também. Eles ofereciam bolsa para a escola, a escola então oferecia pra aquelas alunas que, a maioria das alunas, acho que quase todas as alunas tinham bolsa pra ajudar a gente nas despesas, né ...

V.: Individuais.

A.: Pessoais.

V.: Como que eram as normas desse internato.

A.: Elas só tinham horário de apagar as luzes né, às dez horas apagava a luz, então tinha horário de almoço, horário de café da manhã, do almoço, do jantar e às dez horas apagavam a luz, as pessoas que queriam estudar iam pra biblioteca e ficavam estudando lá sem fazer barulho.

V.: Na própria escola.

A.: Na própria escola.

V.: Na própria casa que tinha.

A.: Na própria casa.

V.: E a escola era distante.

A.: A escola era distante do centro de Niterói não é, que nós estudávamos, o local de estudo nosso era na Escola Fluminense de Medicina, lá em Niterói, isso lá junto na Faculdade de Medicina aí depois nós passamos a ter umas aulas quando inauguraram, nós inauguramos lá o, o hospital, é, Antônio Pedro, foi inaugurado quando eu era aluna, ajudei na inauguração do Antônio Pedro, muito boa experiência de organização no hospital.

V.: E ainda com relação a, a essa, primeira parte da vida de estudante né, como é que eram o lazer, o que vocês faziam.

A.: Nós jogávamos vôlei na praia né, eu aprendi a nadar em dois minutos, eu era. Então eles falavam “de quem que é o amor da Aparecida”, era o mar, meu e da Eva, a que me levou, nós éramos apaixonada pelo mar então a gente nadava todos os dias, às seis horas ainda nadava, tomava o banho rápido daí pegava o jantar ainda.

V.: De tardinha né.

A.: De tardinha. Jogávamos os vôlei, fazíamos competição.

V.: E os namoros.

A.: Ah, eram ótimos, muito bom, então a gente namorava, tinha uma, uma faculdade de direito né, tinha uma hora dançante que confraternizava todos os estudantes da, fluminense né, da Universidade Fluminense. E a gente então, todo domingo nós tínhamos então uma hora dançante na Faculdade de Direito. E saíamos duas vezes por semana e às dez horas o ônibus da escola parava na praia de Icaraí, pegava as alunas e levava para o internato.

V.: Da noite.

A.: Da noite, às dez horas da noite.

V.: Que interessante!

A.: Nove e meia, quinze pras dez por aí, dez horas ...

V.: Então a escola tinha um carro, um ônibus ...

A.: Tinha dois carros.

V.: E esse ônibus era pra transportar ...

A.: ...as alunas e professores para a, para a faculdade, porque nosso, nosso era em Jujuba, era um pouco retirado né, tinha a praia de Icaraí, depois tinha São Francisco, depois Jujuba.

G.: Essa escola de enfermagem, como é que ela chamava, ela era anexa à Escola Fluminense de Medicina, podia dizer assim anexa.

A.: Ela, ela, era tipo anexa mesmo. Ela se chamava Escola de Enfermagem do Estado do Rio, desde que eu conheci.

V.: É a UF [Universidade Fluminense] hoje.

A.: É a UF.

G.: E qual é a relação dessa escola com a Escola [de Enfermagem] Anna Nery, como que era com vocês, professores, alunas.

A.: Era assim muito, porque a Escola Anna Nery é que fundou né umas das, das ex-alunas que é a dona Aurora [Dias Costa] faleceu ano passado, com quase cem anos, Aurora de Afonso Costa, era uma diretora muito boa, muito capacitada, aquelas, do jeito antigo né, um pouco assim, autoritária né, também, mas assim muito educada, muito mansa, falava baixinho, muito boa.

V.: Tinha freiras lá, na sua turma, na sua escola.

A.: Olha, eu nunca peguei freira lá não, assim de internato morando lá não, nem como aluna ...

V.: Tinha ...

A.: Na minha época não ...

V.: Alguma vida assim religiosa, algum ...

A.: Nós íamos sempre assim a missa, cada um, é, é, as suas igrejas né então tinha umas evangélicas, tinha umas católicas e tinha umas que nem freqüentavam.

V.: Na escola não tinha capela como a Carlos Chagas [Escola de Enfermagem Carlos Chagas – EECC] não né.

A.: Não, tinha uma hora dançante todo dia também lá depois do jantar, todos subiam né, aquelas que sabiam dançar ensinam pras outras.

V.: E a música ao som de quê.

A.: Ao som de, de som mesmo, nós tínhamos, levava ...

V.: Rádio, toca-fita.

A.: Toca fita, nós levávamos disco, cada uma levava o seu né, e, e, tinha assim muita aluna do estrangeiro, nós tínhamos da Colômbia duas en, alunas que eram irmãs Elvira e Silva,

estudava nessa época aí, então elas ensinavam a gente a dançar tango, nós ensinávamos elas com samba e a gente brincava todo dia de oito até um pouquinho, depois a gente ia estudar.

G.: Para entrar na escola havia seleção, houve algum teste, você falou que houve várias alunas de outros lugares.

A.: Era assim convite né e, depois a gente mandava assim, a história da gente né, assim do curso normal e, e assim uma carta de recomendação de algum médico, de um farmacêutico, de um amigo dos pais da gente para dizer assim quem era aquela família.

V.: Todas as alunas tinham curso normal nessa época já.

A.: Não, tinham umas que tinham outros cursos, por exemplo, eu me lembro, tinha uma menina que fez curso técnico, eu tinha o normal, outras, tinha, cada uma tinha...

V.: Aparecida, mas nessa época a sua escola já era de nível superior.

A.: Ainda não.

V.: Ainda não.

A.: Não fazia o com, o vestibular não, depois né, que foi geral, pela ...

V.: Depois de sessenta e um o que foi ...

A.: O Brasil todo né, que foi dada a mesma, aquela mesma modificação que foi em sessenta e quanto?

V.: E um. Modificação da LDB [Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira]

A.: Sessenta e um, a gente não grava, não é.

V.: É, sobre o internato alguma coisa interessante, transgressões.

A.: Não, porque lá, nós saíamos, é, um grupinho, não saía sozinha, e nós, muitos tinham namorado médico, aquela coisa toda né, mas todos levavam até de carro mesmo a gente quando pegava cinema de outro lugar, de outro bairro, levava a gente para os pontos dos ônibus que eram dois, um no centro de Niterói e outro em Icaraípe, chegava lá, nos pegava lá, nos levava de carro né, e deixava a gente lá no ponto de ônibus. Eles não levavam a gente até lá na escola, no internato.

V.: É porque não podia ...

A.: Não, é porque era longe, e pra gente e pra eles também né, porque de manhã eles tinham que levantar. O pessoal era muito estudioso, não bebiam muito não, eram, só mais mesmo, não fumavam, eu me lembro, quase não via ninguém fumar.

V.: Bom, vamos falar um pouquinho sobre o ensino teórico, mas como que era esse ensino, quem dava aula.

A.: Olha, o ensino teórico era muito bom, nós tínhamos professores excelentes que eram os mesmos da faculdade de medicina ...

V.: Médicos.

A.: Médicos. E a gente passava aquele aperto pra acompanhar, né, de física, química, microbiologia né, e, aqueles fundamentos de cada disciplina e depois tinha a enfermagem com os professores de enfermagem.

V.: Com as instrutoras.

A.: Com as instrutoras ...

V.: Chamadas ...

A.: Antigamente ...

V.: Chamava ...

A.: É, era chamada professora mesmo.

V.: Lá se chamava professora né. Alguma coisa interessante desse período de, sobre o ensino teórico, a disciplina que você mais gostou.

A.: Ah, eu gostava de muitos, anatomia, fisiologia, eu levei muito susto né quando vi o cadáver pelado pela primeira vez lá, quis separar, destampou de uma vez, pra mim foi um impacto né, porque a gente não estava acostumado, aí depois eu me habituei, aí achava muito interessante, muito bonito, achei muito bonito mesmo o corpo humano.

G.: Foi só você que assustou com isso, porque tem caso ...

A.: Tem pessoa que desmaiou, eu assustei, tem pessoas que gritou, outras desmaiaram né.

V.: Eram só mulheres, né Aparecida.

A.: Só mulheres, na minha turma é só mulheres, no internato nunca tinha havido até que eu formei, formei em cinquenta e três não tinha homens.

V.: E o ensino prático?

A.: O prático a gente fazia igual aqui na escola [EECC] mesmo né, a gente dava as aulas práticas na escola de enfermagem, nas salas de técnica e depois a gente fazia o ensino clínico no hospital, a gente, já começava a trabalhar logo depois de seis meses né, que a gente era aprovada então já começava.

V.: Tinha a imposição de insígnias lá também, a braceira, algum símbolo.

A.: Nós tínhamos um brochinho muito bonitinho né, eu ainda tinha ele há pouco tempo, não sei se. Mas, e tinha aquela touca que [buscava] né, que a gente usava uma rede e tinha que passar e eu até hoje ainda sinto ...

V.: Coceira na cabeça ...

A.: É, toda, quando aquilo acabou dei Graças a Deus, que coisa me incomodava né, aquilo me incomodava.

V.: Essa touca, é fazia parte desse uniforme ...

A.: Do uniforme [sobreposição de vozes], tinha o aventalzinho, depois eu mostro pra vocês.

V.: Como que era isso.

A.: No álbum. Era um vestido azul de um pano de algodão assim, ele era um pouquinho franzido, tipo, tem um nome esse pano, eu não sei agora. E ...

V.: Krepton.

A.: Mas, não é Krepton.

G.: [Crepe] ...

A.: [Crepe], tipo de [crepe] mas de algodão, era gostoso sabe, e não precisava ficar passando muito né, lavava, fazia assim e chegava. O avental que era muito difícil porque aí era de um pano branco muito difícil de passar ...

V.: Engomado ...

A.: Engomado e a touca né.

V.: E a touca do, durante todo o tempo que você estudou era touca, e esse broche.

A.: Até que eu formei.

V.: Até, e depois, quando que ...

A.: Até que eu formei em cinquenta e três né.

V.: Depois você não sabe quando que acabou essa touca lá.

A.: Quando acabou lá na Escola de Enfermagem foi quando acabou aqui, foi na mesma época, nós começamos uma política né entre professores e estudantes para tirar essa touca. E a Escola Anna Nery quando eu fui fazer um curso de enfermagem de, didática aplicada à enfermagem que foi em mil novecentos e sessenta e quatro, é, que eu fui estudar lá, fazer esse curso aplicado a enfermagem porque nós não tínhamos tido essa disciplina aqui, e nem tinha tido a oportunidade de fazer pedagogia aplicada à enfermagem. Então fui lá, chegando lá elas queriam me emprestar uma touca delas, eu falei: “Não, na minha escola já tirou, do que é do Estado do Rio, e lá onde eu trabalho também já tirou”. Então, a dona Waleska né, muito autoritária e ela queria que eu usasse a touca da Escola Anna Nery, mas eu recusei, não usei.

G.: Você lembra, aqui, quando que foi retirada a touca, que nós não temos essa data, né.

A.: Em sessenta e quatro, quando eu fui pra lá fazer esse curso já não usava mais essa touca.

G.: É.

A.: Deve ter sido em sessenta e dois, ou sessenta e três, por aí.

G.: Sessenta e dois a sessenta e três ...

A.: Ou a sessenta e três, por aí [sobreposição de vozes].

V.: É, você falou da Waleska, mais alguma informação sobre a Waleska enquanto diretora da Anna Nery?

A.: Olha, ela tinha uma política assim de relacionamento muito boa, né, era muito carismática, muito espiritualista, eu penso que isso influenciou muito pra Escola Anna Nery né, ter aquele padrão que é tão falado e ela viajava muito né e, eu penso que com a Associação Brasileira de Enfermagem [ABEn] ela tinha muita política sim.

V.: O relacionamento com as alunas, que naquela época você era aluna, não na graduação mas ...

A.: Não, eu era aluna de, chamava especialização e eu fui supervisionar alunas de, do curso de especialização lá de enfermagem obstétrica, engraçado, fazia plantões com elas à noite porque a escola daqui me cedeu mas em vez de deixar eu lá só por conta do estudo, fazer o curso, não, eu tinha que dar uns plantõezinhos também. Ai eu dava plantão no Hospital São Francisco de Assis e supervisionando as alunas do curso de enfermagem obstétrica de lá de especialização.

V.: E nesse a Waleska tinha alguma interferência, alguma influência, não.

A.: Não, ela era diretora né. Mas eu não me lembro assim de nenhuma influência muito específica dela, no estágio não.

G.: Quando você fala desse autoritarismo dela é em relação a ...

A.: Aí eu percebia porque não podia pro, pro, ir de chinelinho né pro refeitório, não podia assim dançar, não podia uma série de coisas que eles impunham, o pessoal morava na beira da praia no Flamengo ou Botafogo, naquelas imediações né e, num calor imenso né, e era só isso que eu percebi.

V.: E nesse período você morava, é, aonde.

A.: Eu fiquei interna também ...

V.: Também no internato da Anna Nery ...

A.: Da Anna Nery, aí depois eu queria conhecer a Escola Luíza de Marillac, passei dois meses pra Escola Luíza de Marillac, fiquei lá dois meses.

V.: No internato de lá.

A.: É, lá, na Tijuca, pra conviver com o grupinho de lá e, parei de dar os plantões e continuei fazendo o curso na Anna Nery, vinha fazer o curso e voltava pra Luíza de Marillac, achei lá muito bonito né ...

V.: a casa bonita ...

A.: É, muito bonita.

V.: Voltando um pouquinho a questão do ensino teórico mais alguma informação, é, desse período que você acha importante, como que era esse ensino. Desculpe, a gente estava falando do prático, não, não, é, do tempo de graduação.

A.: É do tempo de graduação eu fiz especi, é, o, prática de enfermagem, é, psiquiátrica lá no Engenho de Dentro né, que era supervisionado pela professora por uma Anna Nery. Elas tinham muita coisa em comum lá né, o estágio, é, também foi no, e o, no hospital de pediatria que foi lá em Petrópolis né e de vez em quando a gente tinha esses estágios assim espalhados, sabe.

G.: Você sabe os motivo que levava a escola a ter esses estágios.

A.: Porque era falta de professora né especializada naquela área pra dar aula lá em Niterói. Então a gente ia, professora acompanhava no campo de estágio da Anna Nery, a finalidade era esse.

V.: E quando ia pra essas outras cidades vocês moravam, ficavam ...

A.: Ficava no internato da própria escola.

V.: Ah, certo. E como que era a relação com os funcionários, com essa, com outros ...

A.: Era muito boa, elas gostavam muito das alunas porque as alunas trabalhava muito né, ensinava muita coisas pra eles, então era assim uma parceria muito boa.

V.: Que estágio você mais gostou nessa época.

A.: Gozado, eu sempre fui muito enfermeira de cabeceira, desde o início e eu me lembro que eu escolhi banho de leito pra apresentar uma técnica no final né pra ser aprovada em técnica de enfermagem. E eu escolhi banho de leito, eles falavam que nenhuma aluna nunca escolheu essa tinha escolhido. Mas eu achava assim que o paciente ficava tão bem depois do banho e eu sentia que eles sentiam prazer tão grande, e eu falei: “Ah, nenhuma outra, outra prática de enfermagem, como o conforto na cama pro paciente é fundamental.

V.: Aparecida, e a, o estágio em Saúde Pública como que era.

A.: O estágio de saúde pública nós éramos supervisionado por uma professora, dona Míriam Gracia, ela fez o curso nos Estados Unidos, foi colega da dona Marina [Andrade] Resende, elas duas foram juntas e voltaram juntas. Foi maravilhoso, a gente visitava até presídio lá na, na Ilha das Flores que tinha um presídio lá, nós fomos lá. E fazíamos visitas domiciliares de barco né, que era beira-mar ali, foi muito bom, visitamos favelas né, participávamos de vacinações, aquelas coisas de, de enfermagem domiciliar.

V.: E tinha alguma atividade remunerada enquanto estudante, como os plantões.

A.: Não, não tinha. Era somente mesmo a bolsa né.

V.: Alguma coisa interessante desse período de estágio, de, algum paciente significativo.

A.: Nossa, teve uns.

V.: Conta a história pra nós.

A.: Eu me lembro, eu fiquei muito no salão porque os pacientes gostavam de mim, não queria deixar eu sair, ficava, sabe. E tinha um tal de, de, de aluna sênior né, aquela que chefiava. Eu ficava muito pouco na chefia, não gostava, trocava com as minhas colegas e, mesmo que era, dava pra mim sênior né, ser aluna sênior naquele dia, que chefiava as outras, eu sempre dava um banho e outro. eu me lembro que tinha um armário embutido e tinha um idoso, né, um paciente idoso português, sr: João, ele gostava muito de mim, ele falava assim: “Cadê a Aparecida, Aparecida não apareceu hoje” e eu fiquei lá um tempão por causa dele, quando eu ia sair ele não sentia bem e o pessoal gostava muito desse sr. João e eu fiquei muito tempo lá. Um dia eu fui tirar, é, o, aqueles soros que vinham no plástico né. Tirando lá uma porção do armário de cima, e eu tinha muito medo de bichinho, aí apareceu, acho que uma barata lá né que eu levei muito susto e assim caiu na cabeça dele, a cama dele estava assim, e eu, eu. E ele falava que não foi nada, e botava a mão assim, não deixava ninguém – “Não, não foi nada, foi nada” – sabia que era eu. Aí o pessoal: “Sr. João, senhor tem que tirar a mão pra ver o que que aconteceu aí, pra gente cuidar”, botar gelo, aquelas coisas né e ele então, me lembro que “Não, não estou sentindo nada”, só pra não me incriminar.

G.: Aparecida e aluna sênior, que período que é, que ano que ela podia ser aluna sênior, como que era essa supervisão.

A.: A gente ficava assim, começava na básica né que era o cuidado de salão, que é dar banho, cuidar da higiene do paciente e, e ...

G.: Falava cuidado de salão, o que, como que é isso.

A.: Salão quer dizer que era enfermaria de vários leitos, dez, doze. Eu me lembro que nós já pegamos enfermagem muito grande até dezoito leitos, que a gente dividíamos com os biombos quando o paciente estava ruim que não tinha nada separado, não tinha Centro de Terapia Intensiva (CTI), não tinha doente grave né num quarto separado, não tinha nada disso, a gente separava, botava lá no fundo, separava quando era doença infecciosa, mais nada. Então a gente cuidava desses pacientes e a gente chamava cuidados de salão né, mantém a área do paciente a mesa e cabeceira, cadeirinha ali do lado na hora da visita; ver aquele conforto ...

G.: E essa aluna de ...

A.: Aí depois passava os curativos, aí depois medicação, aí depois passava a supervisionar né, a gente fazia escala supervisionada pela professora mas a gente aprendia a fazer escala pras alunas né.

G.: Aluna sênior fazia escala ...

A.: Para as outras que estavam chegando.

G.: Supervisionava as alunas que estava chegando.

A.: É.

V.: Sempre tinha uma professora acompanhando.

A.: Sempre tinha, sempre tinha professor.

V.: Essa atividade da, da aluna sênior era para ...

A.: Dividir e supervisionar mais direto, porque o professor não ficava o tempo todo parada naquela não sei qual atividade, não sei se ela ia ter outras reuniões e, outras vezes supervisionar outro andar também.

V.: Eram muitas alunas pra uma professora só.

A.: Olha, geralmente era uma professora para umas dez alunas, por aí.

G.: E o relacionamento das alunas com outras ...

A.: Com a supervisão ...

G.: Não, com os professores, com as alunas, por exemplo, de medicina.

A.: Era muito bom, de vez em quando, de vez em quando tinha uns atritos né, próprios do relacionamento humano mesmo, era relacionamento muito bom, dia de festa uma emprestava roupa pra outra, era aquela coisa. Quem sabia costurar, ajudava a costurar, nós tínhamos uma sala de costura. Eu sabia fazer biscoito, ensinava pra todo mundo, eu era fazendeira né, então passava essa arte de fazer festa, de organizar os biscoitinhos, pastelzinhos.

V.: Da escola tinha alguma festa específica, alguma solenidade.

A.: Só tinha assim do aniversário da escola mesmo né e quando era festa junina, a mesma coisa de toda escola.

V.: E era, e era na escola também.

A.: Também, tinha no salão grande, nós fazíamos festa no próprio salão.

V.: Você falou do broquinho no início, tinha alguma ...

A.: Com o nosso triângulo né, ciência, arte, ideal e a lâmpada de Aladim, aquela lampadazinha.

V.: Na, no broche. Isso era dado ...

A.: Escrito: Escola de Enfermagem do Estado do Rio.

V.: Isso era dado em que momento, era uma festa.

A.: Não, era quando a gente recebia uniforme, depois do, do período preliminar que é de seis meses iniciais.

V.: Tinha uma cerimônia que marcava isso aí.

A.: É, marcava. No dia ainda recebia a touca né.

V.: E a touca recebia ...

A.: Recebia a touca, o uniforme ...

V.: No mesmo dia ...

A.: No mesmo dia, logo depois do preliminar.

V.: É, alguma outra atividade, outras solenidades que a escola participava, semana da enfermagem, congressos.

A.: Olha, nós tínhamos assim, eu me lembro que eu participei assim da política estudantil, representei, é, é, o, a Universidade do Estado do Rio, eu representei lá em, na Praia Vermelha, em Botafogo, na Une e, na parte estudantil. Agora, não me lembro de atividades ligada a Associação Brasileira de Enfermagem [ABEn] não, não me lembro disso. Pode ser até que tenha havido mas eu não me lembro ...

V.: Fala um pouco mais sobre essa sua atividade enquanto representante discente, enquanto organização estudantil, como que era.

A.: É, a gente era relacionado assim entre o grupo de alunos para participar dos eventos estudantis. Então a gente se, participava das reuniões na faculdade de direito e depois representava, aquelas que foram relacionadas na representação da universidade toda fluminense. Aí ia pro Rio.

V.: Na UNE.

A.: Na UNE.

V.: Como que, que, como que eram essas reuniões, o que se discutia.

A.: Era, debatemos política mesmo, contra o governo [risos] que não tinha verba direito para cultura nem pra saúde, né. Contra, é, problemas assim, por exemplo, de que, é, tinha infiltração comunista. Eu me lembro que tinha um, uma turma lá da Itália que veio participando também, então falava muito no comunismo na época; foi em sessenta e quatro né, sessenta, não, cinqüenta e três, aliás, desculpe. Cinqüenta e dois, cinqüenta e três. Então nessa época eu me lembro uma época que só tinha uma chapa pra ser votada. Então nós, um grupo de mulheres né, falamos: “vamos para o teatro, não vamos esperar a votação não, porque uma chapa só já está eleita, pra quê votar”. Então quem não votou ficou taxado como comunista, e foi difícil pra mim. Eu não sabia sobre comunismo e todo mundo querendo me informar e meu nome saiu no jornal, mandaram pro meu pai, foi aquela confusão né. Mas, eu falei “nem sei porque eu fui taxada como comunista” aí depois a diretora foi investigar, foi porque a turma que deixou de votar.

V.: Votar em ...

A.: Na chapa única que estava, a UNE estava apresentando para eleição nessa época.

V.: Ah, pra representação na UNE.

A.: Isto, da UNE. Como nós falamos assim: “É uma chapa única, pra quê votar”.

V.: Ah, sim ...

A.: Vai ganhar de qualquer jeito.

V.: Em relação ao governo ...

A.: Foi só por isso e porque coincidia que na hora da votação nós tínhamos um teatro, sabe, que a gente queria participar.

V.: Com relação ao governo da época, era Getúlio Vargas.

A.: Olha, tem duas histórias que eu voltei lá em sessenta e quatro pra fazer esse, é, curso de especialização de didática aplicada à enfermagem e tem essa época aí.

V.: Nessa época ...

A.: Eu me lembro, é, que sessenta e quatro, eu formei em cinqüenta e três né, em cinqüenta e três. Em cinqüenta e quatro, ah, espera, cinqüenta, não era sessenta não, sessenta eu fiz especialização em didática, né, eu era professora daqui da escola [EECC], em cinqüenta e quatro porque assim eu tinha nota muito boa e, eu não, gostei do estágio de psiquiatria e queria desistir de enfermagem, agora eu estou lembrando, porque eu achei que o sistema era muito ruim e a instrutora nos deixou fechada com os pacientes, não tinha luz elétrica, era de vela, eu não sei porquê, no Engenho de Dentro. E a professora sumiu e aquilo me traumatizou, no dia seguinte eu não queria saber do estágio mais. E queria desistir de enfermagem, como era o último estágio, aí a diretora deixou que eu ficasse sem o estágio de psiquiatria e, me mandou pra campos [RJ] pra organizar o serviço de enfermagem da Santa Casa de Campos. Aí eu em cinqüenta e três, as alunas ainda fazendo estágio, eu estava ganhando como professora.

V.: Como enfermeira da, da escola ...

A.: Da Santa Casa ...

V.: Como se fosse substituição.

A.: Não, eu fui pra lá pra organizar mesmo, eu e mais duas alunas né, duas recém-formadas que já tinha também terminado sob a supervisão de uma professora de escola.

V.: Ah sei. Nós estávamos falando ...

[FINAL DA FITA 1 LADO A]

FITA 1 – LADO B

V.: Nesse período no Rio de Janeiro ...

A.: É ...

V.: No Governo Getúlio Vargas ...

A.: É, então ...

V.: E na década de cinqüenta.

A.: É, em cinqüenta e três eu terminei um ano né, eu terminei o curso de enfermagem, no início de cinqüenta e três. Então até o fim do ano eu fiquei em Campos organizando o serviço do bloco cirúrgico e uma sala de partos e uma de traumatologia. E como meu sucesso foi total, eu gostava muito de enfermagem aí a escola me levou pra professora da escola. Então eu me senti assim, na escola como professora, muito insegura não pra orientar as alunas mas muito serviço, muito. Eu achei que era para ensinar precisava de uma especialização, precisava da pessoa aprofundar mais um pouquinho pra ter mais segurança. E eu trabalhava com um grande médico, Dr. Pardal, Dr. Arantes né, que era um gineco, é, cirurgião de ginecologia e outro era clínico e uma ala né, que era doze enfermagem, que tinha salão grande de doze, de mulheres e cá de homens e separado ao meio, mas que tive assim muita experiência é né, um total de vinte e quatro leitos e eu supervisionando tudo com alunas e com todos os pacientes, era demais né.

V.: No Rio.

A.: Em Niterói. No Hospital Antônio Pedro, onde eu tinha sido aluna, onde nós organizamos o Hospital Antônio Pedro né, foi em de cinqüenta e dois, cinqüenta e um, cinqüenta e dois. Aí em cinqüenta e quatro já era professora, supervisora das alunas no trabalho, mas ganhando na escola, vinha de manhã, ficava na escola e voltava a tarde com as alunas né, também. Então eu aprendi muito, foi muito, muito boa experiência, mas eu senti necessidade de fazer especialização

G.: Antes disso ...

A.: E aí voltando na política, que eu vejo e que eu via aquela aquele problema todo né da política, todo mundo falando, Carlos Lacerda, eu achava o Carlos Lacerda, é, naquela época. Achava que ele falava muito, era de pouca ação. E achava que faltava as coisas mínimas necessárias no hospital e eu o culpava, eu não sabia porque mas achava que ele era culpado, em vez de falar, ele tinha que ajudar porque eu comecei meu estágio num hospital muito pobre que era, era São Batista. E esse São João Batista eu aprendi muito mas muito pobre. Depois que inaugurou o Hospital Antônio Pedro que a gente melhorou as condições de, de trabalho, tanto para estudantes de medicina, como de enfermagem. E, eu achava que ele

falava muito e tudo. Então nesse dia eu estava na enfermaria junto com um paciente e uma aluna fazendo qualquer uma atividade lá, penso que era uma injeção venosa e estava aquela confusão, que ele vai depor agora porque o Getúlio Vargas vai depor agora e eles falando: “E eu quero ver”, muitos médicos lá contra o Getúlio Vargas, a política dele. E de repente fala do suicídio né, aí eu achei assim muito bonito e me recordo até hoje, me marcou muito, um silêncio total, um silêncio total, muito respeito, muito pela vida.

V.: Mesmo as pessoas sendo contra ele, né ...

A.: Mas eu era a favor porque meu pai era Getulista.

V.: Ah!

A.: Eu sentia muito, os outros eram UDN, eu era PSD.

V.: Bom, é, você começou a falar da sua primeira atividade profissional, mas não falou da formatura, como é que foi.

A.: Nossa, foi lindo demais, foi muito boa a formatura, muito boa. Nós tivemos solenidade, a missa né, como é aqui também e a gente , né, tem as fotografias até hoje, tem o meu álbum aí e depois, teve um baile de encerramento no teatro lá de Niterói, foi entregue os diplomas e depois terminou com baile no, clube de Icaraí.

V.: E aquela sua amiga que te levou pra lá, o que foi feito dela.

A.: Ela casou com um economista lá em Niterói, casou e estava muito feliz, está até hoje. Mas ela como é de Campo Belo e a nossa família um pouco parente de Cana Verde, Bastos Freire. Então ela tem uma fazenda aqui em Cana Verde, então ela passa quinze dias em Niterói lá na beira da praia, que ela é doida com praia até hoje né, eu também gosto, toda vez que eu posso eu vou pra praia. E ela passa quinze dias aqui na fazenda e eu, pertinho de Campo Belo onde eu vou sempre e eu ainda não fui na casa dela, mas estou pra ir qualquer dia.

V.: Bom, formou, quando terminou o curso você sentiu apta assim, a começar a atitude como enfermeira.

A.: É, eu sentia, tive insegurança, mas quando eu assumir pra mim era muito fácil porque a nossa prática era muito, muita repetição né. E a gente só aprende fazendo, né, que a teoria não dá prática, né. Então eu não tive insegurança não, eu botei pra frente, que o pessoal era contra, aqueles práticas né que ficavam lá queria fazer as dobrinhas no pano igual a gente faz com pinça né, pra arrumar a mesa de cirurgia e um dia eu levantei muito cedo e fui supervisionar pra ver como é que a funcionária que era chefe dos blocos cirúrgicos fazia tão arrumadinho aquilo lá melhor que o meu jeito de fazer né, que o meu ficava meio enrugado. Aí porque com as pinças etc, aí um dia ela colocou com a mão lá, fazia assim, esticava de cá, sabe. E lá fazia umas vinte operações por dia, quando eu cheguei lá o material só dava pra fazer cinco, então

foi aquela revolta né. Mas aí eu fui inspecionar e tinha um senhor idoso, ele me falou: “dona Aparecida” – todo mundo revoltado, os médicos antigos né, que eu estava diminuindo o atendimento lá e dificultando pra prática médica né. Eu falei: “mas não tem material” – “então tem que comprar”. Então tem aquela lista, sabe, que eles falam da enfermeira, dava uma lista enorme, então para esterilizar e ter uma de limpeza, uma esterilizando, uma lavando né e de estoque, eu teria que ter “X” né, é, caixas de cirurgias específicas etc. então essa parte aí, depois eles foram vendo e, depois parou de ter infecção né, quase não usava antibiótico mais, e esse funcionário antigo que era um atendente ele falou que, que a, a moça às vezes escaldava, jogava álcool né e botava fogo né, flambava pra entrar pra próxima cirurgia porque sempre tinha material. As vezes passava ferros nos panos pra fazer cirurgia, vocês imaginam. E eu me lembro que eu parei com esse negócio de, de flambar lá né lá, cheguei e fazia caixas específicas daquelas, daquelas pinças que usavam mais e que caíam mais. Então fez uma pesquisa, quantas pinças caíam, eram “X” né, daquelas, de corte, aquelas de, hemostática né, e pinça anatômica, pinça dente de rato, tesoura. Então eu comprei o suficiente. Mas uma aluna, uma funcionária que ainda obedecia o pessoal antigo né, que dava repressão na gente e, elas então, uma foi flambar, deu um fogo, pegou, deu incêndio, você acredita que eu apaguei o incêndio, quando eu vi eu estava lá fazendo parte, no outro lado né, e, naquela época eu não era enfermeira especializada, foi em cinqüenta e três para cinqüenta e quatro, eu só fiz especialização em cinqüenta e cinco, cinqüenta e cinco para cinqüenta e seis, né, cheguei aqui em cinqüenta e sete.

V.: Então você era professora da escola e depois, como é que surgiu esse curso de especialização, como é que foi isso.

A.: Exatamente, é, eu senti na, não tão insegura mas assim com muita pena daquelas mulheres que morriam muito cedo com câncer de cólon [de útero], eles faziam a radioterapia, eu tinha muita experiência naquilo né, e, e eu via muita mulher sofrer, mulher morrer de câncer, já chegava com câncer de terceiro, quarto grau, não tinha condições mais de salvar as pessoas. Então eu achava que eu precisava de atuar na, na, área preventiva e na área preventiva, eu olhei, caía muito bem na área de obstetrícia. Eu vi assim uma senhora que me marcou muito, Odete, faleceu com vinte e oito anos, tinha cinco filhos, de câncer até.

V.: Você fez esse curso de obstetrícia de especialização em obstetrícia onde?

A.: No Hospital São Paulo né, Hospital São Paulo, foi a Clementina que, todas as pessoas da escola fizeram. Eu e mais ...

V.: Na escola Paulista ...

A.: Quando eu cheguei lá, irmã Cecília [Bhering] estava terminando e a Elza Lanza, daqui de Belo Horizonte, estava terminando o curso delas e eu estava começando. Ah, eu estava terminando também, não, aí depois quando eu estava terminando a Vitória entrou, fazer o curso de especialização.

V.: Vitória, da Silva.

A.: É, da Silva, Maria Vitória da Silva.

V.: Lá em São Paulo.

A.: Lá em São Paulo, aí quando eu terminei em cinquenta e seis eu fui lá pra Manaus substituir uma enfermeira que era chefe da maternidade e professora da escola pra vim fazer o curso porque eu era, fui bolsista do SESP; o SESP exigia dois anos, como ele, me cedeu pra escola, pra ser professora da escola um ano, agora estava na hora de me cobrar, aí cobrou mais um ano pra supervisionar a escola de enfermagem lá de Manaus aí eu fui pra lá, pra maternidade. Então eu era enfermeira chefe da maternidade e professoras da aluna.

G.: Quer dizer que o SESP é que pagava você pra ficar na escola.

A.: Não, só como bolsista ...

V.: Enquanto aluna ...

A.: Você teria que pagar, depois de formada, dois anos aonde ele precisasse.

G.: Aí foi na escola e depois fazendo o curso.

A.: É. Aí eu fui pra São Paulo ...

G.: Fazendo curso com bolsa, com bolsa ainda também.

A.: Não aí eu fui pra São Paulo fazer o curso de especialização em enfermagem obstetrícia e lá eu tinha bolsa de, de, de mil reais e tinha internato também.

V.: Ainda do SESP essa bolsa, não, outra bolsa ...

A.: Não, não, isso era da própria, da própria Escola de Enfermagem Paulista de Medicina.

G.: Você foi pela escola então fazer ...

A.: Não, fui sozinha. Eu falei pra escola que ia né e ela falou que depois era pra voltar. Mas de lá com uma escola lá Anna Nery, na escola de Manaus precisava de uma enfermeira, [a Madre Dominic] tinha muita, muita influência na gente, com a gente e com todo mundo porque ela era uma pessoa muito boa demais e que ninguém dizia não pra ela.

V.: [A Madre Dominic] era da Escola Paulista, professora de enfermagem obstétrica.

V.: Certo.

A.: E ela era francesa, ensinava a gente um pouco de, de, de francês também né, falava muito com a gente francês. E lá também nós fundamos também um amparo maternal, começamos a jogar as pedras tudo né, de início, é a pedra fundamental do amparo maternal de São Paulo

nossa turma é que começou em cinqüenta e três com a turma da Maria Vitória, então, depois continuou.

V.: Cinqüenta e seis ...

A.: E a, cinqüenta e seis, a Vitória terminou em cinqüenta e seis.

V.: Como que foi essa experiência em Manaus.

A.: Nossa!, foi excelente, mas muito boa mesmo, muito boa. Mas aí eu trabalhava com uns médicos maravilhosos lá e que a gente influenciava no tratamento da paciente, sabe. Eles faziam reunião com a gente e perguntava qual a minha opinião naquele caso né, então, por exemplo, tinha um Dr. Bessa, e ele estava assim preocupado com a mulher, vomitava muito né, então a gente [influenciava] no diagnóstico, eu falei: “oh Doutor, pra mim ela não tem problema de gravidez, esse vômito dela é outra coisa”, mas ele estudou com outros colegas e resolveram botar uma laminária pra induzir o aborto né, terapêutico, pra mulher parar de vomitar, três meses já de vômitos incoercíveis e aí o neném nasceu vivo né e ele quase morreu, ficou marcado a vida dele. Ele custava esquecer, sempre falava: “se eu tivesse”. E depois a mulher continuou vomitando, era problema de vesícula. Quer dizer, a gente via que ela não tinha nada, também, sabe. Que o problema dela era gastrointestinal né, não era ...

V.: ...da gravidez..

A.: Da gravidez, a gente percebia isso. Mas e tive outras experiências, lá tinha pouca luz e tinha uma enfermeira que era chefe lá também, ela mancava, as três horas que tinha que sair da maternidade, não tinha aula, eu tinha que sair mesmo, não podia ficar lá não. E aí em consequência disso né, mulheres que internavam por minha causa que eu ia lá, quer dizer, com a mulher de três dias já de trabalho de parto pra vir pra maternidade.

V.: Ia lá onde?

A.: Na casa da mulher né, alguém me chamava logo – “tem uma paciente”, era casa das irmãs de sr. Raimundo, um bairro lá. Então eu ia lá tentar fazer com que aquela mulher fosse pra maternidade, que elas só davam luz em casa né, as mulheres estavam começando a ir pras maternidades. E., então eu me lembro que essa mulher faleceu. Eu saí as três horas né com o coração pesado, mas a colega achava que eu tinha que sair, as mulheres davam a luz e tal. E o médico de plantão chegava pouco não é e em vez deles fazer uma intervenção né, porque já tinha mais de doze horas de trabalho de parto, uma, uma cesária, foram fazer por via baixa, deu hemorragia, e ele teve dificuldade de sutura, teve dificuldade de sangue, pouca luz, era difícil. E ela acabou falecendo então isso pra mim me marcou muito.

V.: E aí?

A.: E recebia mulher de três dias em trabalho de parto vindo pela FAVE, sabe, com infecção intra-parto, feto às vezes com mal cheiro, ela também com infecção muito grande. Então a gente cuidava, você acredita que sobrava a criança e a mãe. O cheiro era terrível, dava muita eclâmpsia e eu então comecei a visitar os pré-natais, a, a preparar, aí né onde que a mulher ia lá fazer consulta, todas fizeram. E comecei a atuar nessa área junto com os médicos, aí a gente diminuiu a incidência da eclâmpsia, foi muito boa. Começamos, e parteira lá também fez o maior né ...

V.: Pressão ...

A.: Pressão, e a parteira me atrapalhava na, nas atividades, aí um dia eu fiquei, aí: “eu quero ir embora, não quero saber de ficar aqui mais porque essa pessoa vai lá, tira a escala, faz confusão, tem hora que tem dia, tem hora que não tem ninguém”. E falei com o diretor: “eu estou falando com o senhor porque o senhor que tem que arranjar uma enfermeira pra substituir aqui, que lá na escola eu resolvo”. E aí a, eles chamavam né, resolveram, e mandaram essa parteira antiga ir embora, acertaram as contas dela. E, foi essa vivência que eu tive lá, assim, muito difícil com as parteiras antigas. Mas aquelas que a gente deu curso e estavam preparando aí já foi mais fácil, a gente já treinou pra melhorar a assistência pré-natal né. E o SESP começou a cuidar melhor das gestantes, aí melhorou 100%.

V.: E tinha algum trabalho com os índios lá em Manaus, não?

A.: É, elas vinham em trabalho de parto, as vezes parto assim de muito tempo né, de, trabalho de parto de muitas horas e que chegavam às vezes neném nascia no caminho. Uma vez chegou uma mulher que estava esperando chegar, em trabalho de parto né, e eles falavam muito de bicho, Manaus, aquela coisa. Nunca vi nenhum bicho na rua naquela época, nunca tinha visto nada, mas eu fui com aquela impressão né, quando botavam a maca no chão a, mulher por perto né e eu vi que estava mexendo lá dentro, falei: “Nossa, tem uma coisa”, quando eu destampeei já era o neném que já tinha nascido ...

G.: Já tinha nascido ...

A.: A coisa mais linda. E eu fui assim, aqueles igarapés, viajei, vi lá as casas pobres né, fiz parto, tiramos uma porta assim de uma casa, botou no chão, que elas não queriam ficar no alto de jeito nenhum, fiz parto da rede, né. É, muito parto em domicílio lá, em São Raimundo. E essas mulheres teimosas, que, a parteira não dava conta né, e, apresentação de face também que a parteira: “oh, tem qualquer coisa errada aí porque ela tem algum defeito e tal”, falei assim: “mas como que tem se ela já teve dois, três filhos? Ela não tem defeito, é uma apresentação de face, tem o nariz, é duro do neném, a boquinha, explicava pra parteira né, dava aquelas aulas, depois ela voltava pra aprender com a gente.” Então era isso que, teve

muita experiência, depois de, completei um ano, aí eu vim embora pra Campo Belo né cheguei em Campo Belo dia trinta de abril pra ficar o mês de maio de férias. Dia primeiro de maio estava, foi lá em casa o dia vinte e nove, dia primeiro de maio já estava chegando aqui em Belo Horizonte, foi a Vitória e a Yole me buscar lá em Campo Belo, não fiquei nem uma semana de férias ...

G.: Foram lá buscar você ...

V.: Aí você veio ...

A.: Vim para o curso de especialização que estava começando aqui em cinquenta e sete.

V.: Cinquenta e sete. Então fala pra nós sobre esse curso de especialização que foi o primeiro da escola de enfermagem [Carlos Chagas].

A.: Foi o primeiro aqui, muito bom. É, um curso assim, é, que os professores né, deu a base de anatomia, de fisiologia obstétrica né, fisiologia do aparelho genital feminino e masculino e nós dávamos a enfermagem. Eu ficava mais com a prática, eu estava cansada, não queria mais ser professora, mas sempre caía. Desde que eu formei no curso normal eu corria, de ser professora e gostei de ser enfermeira, adorava. Então eu só fui muito professora de cabeceira né, e que ajudei a organizar muito hospitais aqui por causa da escola mandar quando havia mudança de currículo, que a gente estava sem aula, a gente ficava a mercê da diretora né, em vez de fazer outros cursos né. Aí ...

G.: Mas sobre esse curso de especialização quem que criou o curso, os professores, quem que dava aula de fisiologia.

A.: Não, olha, quem começou aqui a [bolinha] eu não, não senti né, mas quando eu cheguei eu achei o grupo né que era a Romilda Volper, que já faleceu, uma enfermeira obstétrica também que fez o curso com a Madre Dominic, lá em, na Escola Paulista. A irmã Cecília estava aqui e estava a Vitória, que tinha terminado, eu tinha terminado um ano antes dela e fui pra Manaus enquanto ela estava fazendo o curso né, em mil novecentos e cinquenta e seis. quando eu cheguei aqui estava a irmã Cecília, a Romilda e a Vitória né, no início desse curso de especialização, tinha mais uma, depois que chegou a Elza Lanza.

G.: Quem que dava fisiologia que você falou.

A.: Fisiologia, nós tínhamos um professor da faculdade de, de medicina, tinha um professor de anatomia, Dr. Fattini, Fattini.

V.: Quanto tempo durou esse, esse curso, quantas turmas.

A.: Nós tivemos duas turmas né, uma de nove alunas, que a Yole foi nossa aluna né, do curso, desse primeiro curso. E no segundo a Dilza Brito, uma enfermeira do Hospital das Clínicas,

foi aluna do segundo curso. A, a Corina, a Dilza e duas enfermeiras de Goiás que era a Terezinha e uma outra que tinha um nome muito pequenininho, lá também de Goiânia.

V.: E como que era esse curso, como que era a parte prática. O curso, a parte básica foi feita pelos médicos né, farmacologia, banco de sangue, todos aqueles, os médicos que eram professores da faculdade de medicina aprofundavam só naquilo que a gente pedia, naqueles temas e assuntos que aprofundava a anatomia e fisiologia, bioquímica né. Porque a gente fazia laboratório, galomanine na época, a gente pegava o sapo, fazia galomanine. Nós fazíamos prova cruzada, nós fazíamos transfusão de sangue né, pra fazer prática, porque se você fosse pra um lugar né, não podia deixar a mulher morrer por falta de assistência.

V.: Galomanine era prova de gravidez da época.

A.: De gravidez, da época. Não tinha, pode ser que tinha, mas eu não me lembro, só fazíamos este. E, aqui a gente, eu ficava muito na prática ...

V.: E os estágios ...

A.: Era no HC mesmo né, isso no primeiro, aí mudou a diretoria, Dr. Hermínio Pinto era muito bom, muito amigo da irmã Cecília e era assim, Dr. Celso Lobo que era chefe do, do berçário. Então tinha uma verdadeira harmonia no grupo médico né e, grupo de enfermeiras, professoras. Eles pensavam que eu era aluna, já era professora.

V.: Novinha ...

A.: É, eu estava com vinte e cinco anos, vinte e seis por aí.

V.: Você ainda era Aparecida Freire nessa época.

A.: Freire, eu só casei em sessenta e quatro, não, casei em sessenta e cinco eu casei sessenta e quatro eu fui na Escola de Enfermagem Anna Nery antes de casar, fiquei seis meses lá.

V.: E, e como que era a relação com as alunas.

A.: Era muito boa né e, a, a gente dava assistência né, elas pegavam a gente na supervisão, elas começavam a fazer assistência a gestante no pré-natal, então aí pra acompanhava os nove meses de gravidez e fazia o parto, não é. E depois acompanhava até o pós-parto, trinta dias depois. E a gente supervisionando tudo, a história. E tinha um número "X" de atendimento, quando eu fiz o curso de enfermagem era cem, agora que eu não estou lembrando se nós exigíamos cem ou se foi cinqüenta. Eu sei que a, a, a Nilza Ribeiro, secretária da Escola, me devolveu uma porção de coisas do curso de especialização. E eu vou procurar ainda, tem muita coisa aqui que eu posso devolver pra escola.

G.: Deixa no Centro de Memórias, inclusive nós estamos organizando o centro.

A.: Eu sei que tem mas depois que eu aposentei eu nunca fiquei parada né, sem serviço voluntário. E também com minha casa e minha família é muito grande né. Com isso, eu

nunca, olha, tá tudo separado pra levar. Quando eu vou na escola, chega lá esqueço, outras vezes eu chego lá não tem ninguém pra receber, eu venho embora com o material. E aí com isso ...

V.: Do, desse curso de especialização que a gente tem, que a gente encontrou até o momento foi só o livro ...

A.: De ata ...

G.: A primeira ata, que era da casa ...

V.: Da criação ...

G.: Não da casa ...

V.: Do Amparo Maternal ...

A.: É, então foi mais ou menos, isso foi em outubro, outubro ou novembro, eu lembro que, ah, foi em novembro começou. [cumprimenta o seu filho que sai]. Mas quando eu cheguei em cinquenta e sete aqui, eu ficava muito na prática, e a gente ia pra todo lado né, então eu ficava supervisionando, falei assim: “pedir, pedir coisa na rua eu não vou”, não era meu sistema, vender rifas, eu não gostava, sabe.

V.: [Ficar em porta de cemitério], nada daquilo.

A.: Nada, então a Vitória e Yole elas iam lá no dia de finados, ficava na porta de cemitério lá, pedir lá com a sacolinha, pedindo dinheiro ...

G.: Pra casa.

A.: É, eu falei assim: “vocês podem ficar lá o dia inteiro” que eu substituía elas de manhã, de tarde, de noite no serviço, elas faziam o que queriam fora, sabe. Às vezes não tinha aluno, não tinha nada, eu supervisionando no dia de finados. Falei: “vocês podem ir que eu resolvo aqui”, mas não podia não.

V.: E como é que foi a fundação da casa, o objetivo dessa casa.

A.: Aí nós alugamos, o objetivo foi a irmã Cecília que queria arrumar um lugar próximo pras enfermeiras morarem, do curso né. Então na rua dos Otoni, ali onde tem aquele prédio, ali tinha uma casa muito bonitinha, com o alpendre, antiga né, foi uma pena que eu não tirei retrato. E, eu me lembro que eu tinha um quarto pequenininho, a Vitória e Yole um maior e tinha outros quartos lá que ficava as mães solteiras que a gente cuidava delas e elas cuidavam de nossa roupa né, a gente dava hospedagem pra elas e ao mesmo tempo umas gestantes, e ao mesmo tempo a gente desenvolvendo trabalhos com ela. E casamos muitas mães solteiras né, quer dizer, não é que nós casamos, elas que se casaram né, que resolveram optar.

G.: Vocês contribuíram.

A.: É, contribuimos assim, dando apoio pra elas, lugar de morar né. Então nós tínhamos aquela filosofia, como temos até hoje – toda enfermeira obstétrica – a gente tem que dar amparo pra mãe pra ela não doar o filho, não tem sistema de doação na enfermagem obstétrica não, porque a mãe só doa o filho, todas adoram os filhos né, aquele sentimento maternal é de toda mulher e ela só doa ou se tem pressão da família ou se ela não tem pra onde ir e aqui eu já fui até assim em casas de tolerância, que eles chamavam na época né pra buscar malas daquelas mulheres que chegavam muito bonitas que a família não deixava ficar em casa, do interior e que, esperava na ...

G.: Mandava pra casa de tolerância.

A.: A Casa de Tolerância, isso mesmo. Então eu fui lá buscar né, e me lembro quando ia entrando, um senhor que tinha uma loja embaixo com a esposa dele falou: “o que a senhora vai fazer aí” – “eu vim buscar uma mala aqui”, “mas a senhora não pode entrar aí sozinha” – “mas por quê não” – “porque aí é casa” – mas Jesus Cristo veio aqui né, ele foi amigo de quem, então eu estou sugerindo o caminho dele, que tem eu ir lá, é bom que eu estou conhecendo, eu nunca entrei”. Tinha uma tal de “Casa da Zezé”, né, de vez em quando a gente ia lá. Mas eu sei que, ele: “eu vou subir com a senhora, que a senhora não sabe o que pode acontecer”, subiu comigo, com a senhora não, ele falava senhorita, que eu era novinha. Ele subiu comigo e cheguei lá, e eu sabia que tinha que pagar alguma coisa, levei o dinheiro né que ele lá, que o moço lá. Que eu não podia levar a mala dela, que ela estava devendo”, “não, nós trouxemos o dinheiro, está aqui pra pagar”. Então a gente, coisa pequena eles seguravam a mala dela, pra elas retornarem.

V.: Casa de Tolerância é casa de prostituição.

A.: Isto, que naquela época chamava de Casa de Tolerância. Eu não acho que é casa de prostituição não, sabe. Eu acho que a pessoa não tem jeito, ela vive hoje em dia não é prostituição, não é. E que ela habitou com aquilo. Agora por exemplo, às vezes a gente pergunta: “qual a sua profissão” – “prostituta”. Eu falei: “mas não é muito legal sua profissão né” – a gente falava não é legal, você está ficando na enfermaria, não tem dinheiro pra pagar e você é muito bonita, novinha. Aí ela ficava: “e é mesmo”. E passava né, a gente dava telefone né, as vezes, depois comunicavam com a gente né. E muitas: “você deve fazer outro curso porque você é bonita e não tem dinheiro né, então essa profissão não é boa não, você arranja outra profissão”, elas saiam.

V.: Essa casa existe ainda.

A.: Ela, aí depois essa casa, ela foi aumentando e deu um bocado de dinheiro não sei como, a irmã Cecília e ela uniu aí com outro grupo, a Lúcia Guimarães, Conceição Assunção e várias

outra mulheres da sociedade e que nós não tínhamos muito tempo de ficar com as mães solteiras. Então tivemos que fazer entrosamento com umas assistentes sociais, com, não sei se foi prefeitura na época ou se foi do governo. Eu sei que foi através de uma política e aí nós compramos o terreno né que aquele posto Barranco lá da, da avenida Amazonas, é da casa, é, como é que chama, hoje chama centro educativo né, chamava “colméia”, mas agora não é colméia mais. E tem a casa com o quintalzinho, tem a parte educativa, elas ficam lá seis meses né no sentido de aprender uma profissão até que o neném nasce, depois elas fazem parceria, duas alugam, arranjam emprego, saem preparadas para profissão. E outras vezes vai pra família, outras vezes o pai da criança procura, casam.

G.: Quer dizer que existe até hoje.

A.: O posto Barranco é delas lá, da colméia. E tem uma diretoria, muito tempo que eu não vou lá por causa disso. Porque foge da alçada né, da gente, da enfermeira obstétrica a parte social. Naquela época a gente fazia porque estava dando curso e elas, a gente tinha que ter supervisão né, a obstetrícia social. Mas se o pessoal de hoje quiserem entrar em entrosamento, eu tenho certeza que eles vão gostar.

V.: O Aparecida, como é que acabou esse curso, porque, porque só duas turmas.

A.: É porque em mil novecentos e cinqüenta e sete quando Dr. Hermínio, é, Ferreira Pinto saiu da, da chefia da obstetrícia então o tal de Dr. Daniel, esse Dr. Daniel era muito autoritário, muito sem educação, sabe. E ele falava alto e gritava né e, e às vezes ele não queria que as enfermeiras fizessem parto. Nós falávamos que era curso de especialização, mostrava a lei mas pra ele não contava, ele nem lia papel, penso que acho que ele nem estudava mais, ele só praticava medicina, ele detestava papel, jogava no chão, era muito mal educado com a irmã Cecília, com todo mundo. Então o Dr. Álvaro Camargos que era muito nosso amigo né e, ele era o médico lá do pré-natal e ele tinha o sobrinho dele que era do Hospital Militar, Dr. Altair Camargos. Então ele arranjou a continuação do segundo curso pra terminar o estágio lá no Hospital Militar. Aí nós fomos pra lá, aí ficaram umas colegas né, Vitória, a Yole já tinha formado, ficava com a irmã Cecília aqui, eu ia pra lá, depois no outro horário a outra ia, a gente vinha pra cá. Eu sei que nós ficávamos vinte e quatro horas seguidas nunca tivemos, em compensação a gente também não procurava não. Nós estávamos fazendo aquele bem, fazendo o curso, formando, e o nosso intuito era terminar aquela, aquele curso segundo que começou para encerramos né, não abrir mais até que tivéssemos condições né, realmente.

[FINAL DA FITA 1 – LADO B]

FITA 2 – LADO A

V.: Enquanto tiver história a gente vai gravando.

A.: Nossa vai encerrar logo.

G.: Aparecida, quer dizer que o segundo curso de especialização ele começou no HC – Hospital das Clínicas ...

A.: Isso.

G.: E.: terminou por ...

A.: Por causa do Dr. Daniel, eu esqueci o nome completo dele, era ginecologista e ele pagou, foi quando, é, o currículo da, da medicina mudou e aí ele era mais ginecologista, né. E que antigamente era assim era o obstetra e o ginecologista, depois é que ficou sendo obstetrícia e ginecologia, agora eles fazem residência na obstetrícia um ano e na ginecologia o segundo ano. Então é muito bom, né.

G.: Você sabe o número de alunos que formou.

A.: Eram quatro no segundo.

G.: Quatro no segundo e no primeiro ...

A.: Nove.

G.: Nove.

V.: E qual a relação desse curso com EECC.

A.: Carlos Chagas ...

V.: A escola, a nossa escola. Pertencia a escola.

A.: Era, a escola, a escola que começou né, mas a irmã Cecília como era enfermeira chefe no hospital, aí essas enfermeiras que eram convidadas para dar o curso né, elas, foram convidadas para, ou decidir se ficava ou na escola ou no HC. Eu quis ficar no HC, mas para atender a Vitória que era muito minha amiga né, porque nós fizemos o curso de enfermagem juntas, ela terminou comigo lá na escola do Estado do Rio um ano antes de mim. Ela era colega dessa minha amiga que veio lá de Campo Belo, né. Então eu tinha assim uma amizade muito grande com a Vitória né e, e foi depois com a Yole também, que a gente conheceu aqui, mas, é, elas então não estava na escola e a irmã, a irmã Emília, é, insistiu pra eu ficar na escola e a irmã Cecília queria que eu ficasse no HC. Eu ficava sem saber, meu coração ia pra escola né, mas realmente se eu fosse pensar em mim eu ia ficar no HC.

G.: Mas quem que mantinha o curso na verdade, você recebia através de quem, quem que pagava.

A.: A faculdade de medicina.

G.: Ah, então de toda maneira era escola.

A.: Era da escola, era.

V.: Alguma relação com a graduação.

A.: Nós supervisionávamos também as alunas de graduação, a, a Carmelita [Pinto Rabelo] ela estava no último ano quando eu cheguei aqui. Não era no último ano, eu sei que eu peguei a Carmelita, [Maria] Rizoneide [de Araújo], é, essa turma mais antiga da escola, as professoras atuais né, elas estavam...

V.: A APA, a Carmelita ainda era aluna na época.

A.: Era, era aluna.

V.: Já, e depois que fechou, terminou o curso, como é que ...

A.: Depois que terminou o curso eu fiquei na escola, né, eu, Vitória e Yole e, eu sempre saía das chefias, porque eu gostava muito da prática né, então eu ficava, assumia muita atividade no pré-natal, assumia atividade no berçário, quando era da disciplina e que eu tinha que conduzir, às vezes eu conduzia as alunas, por exemplo, na época da Noemi, da Luiza e de uma outra aluna Inês, eram três né. Então eu levava elas para o pré-natal e ia todo dia.

G.: Saindo do curso de especialização, vamos voltar agora um pouco. Você veio pra cá, elas buscaram você e levaram pra escola. Você ficou morando onde.

A.: Ah, sim. Então eu morava lá na casa da mãe solteira, né, lá na rua dos Otoni. Aí meu pai veio aqui pra me visitar e a minha mãe também veio um dia, depois veio meu pai, porque Campo Belo é perto né. E eu tenho uma tia, tinha na época, ela já faleceu, morava lá, é, rua Salinas, é, Floresta [bairro de BH]. Aí ele falou: “Uai, que isso! Ficou me esperando chegar do hospital e via mulher com menino né, gestantes passando pra lá e pra cá, cadê os seus maridos?” – “não, não tem marido não, né”. E ele viu aquilo e não gostou né, aí me levou lá pra, pra casa de minha tia, fez eu sair, eu tive que sair de lá.

G.: Achei que você tinha morado no internato da escola.

A.: Não morei.

G.: Não chegou morar lá na ... aqui na, na avenida ...

A.: Não, só lá. Mas eu via contar e as meninas ainda tinha internato, eu era professora, olha aqui, ainda tinha internato, eu era professora das alunas de, de graduação, Maria do Rosário Melo, Alzira ainda, já era professora. Tinha uma turma, dona Maria do Rosário e Georgina, uma turma antiga aí e elas gostavam muito de dançar, eu me lembro. E eu freqüentava né, porque eu fiquei lá na casa de minha tia, lá tinha os meus primos e minhas primas e me levaram pro DCE (Diretório Central dos Estudantes), eu fiz carteirinha. Lá eu fiquei conhecendo, levava pra, para o [Clube do] Cruzeiro, eu sou cruzeirense porque cheguei aqui,

entrei numa família de parentes que eram cruzeirenses, eu até hoje sou cruzeirense. Aí conheci o Raimundo lá, o Raimundo é cruzeirense, ele estava lá numa festa do cruzeiro, aí, lá que eu conheci o Raimundo, levava pros parentes né, fim de semana, que eu tinha folga no Sábado e no Domingo, que eu ia pra casa delas, elas moravam ali na rua Guajajaras, atrás da igreja São Sebastião, aí conheci o Raimundo, ele ficou amigo do pessoal da escola, eu também. Acho que fui uma das primeiras que levou namorado lá assim sabe. E ele ia as festas, ia comigo pra ABEn né, eu fazia muita. Eu dei dezoito curso de preparo para parto pra gestante e curso para arranjar dinheiro pra comprar a sede.

V.: Da rua Alagoas.

A.: Da rua Alagoas, na época da irmã Tereza Notarnicola

V.: E.: na escola, a vida de internato das alunas, igual você falou.

A.: Isso aí, então, eu estava no DCE no carnaval, aí eu fui ao banheiro e lá tinha uma menina, né, eu estava dentro do sanitário lá, e elas no espelho e eu estou saindo: “eu vi a dona Aparecida, vocês viram”, todas: “vimos” – “não deixa ela te ver não” – e eu lá caladinha pra elas não me verem né – “não deixa não porque senão amanhã ela vai dedar” – e começava aquela coisa – eu falei: “que bobagem, não vou falar nada” – não sou do internato né. Aí depois, eu escondia delas pra elas não me verem né, pra eu fingir que não estava vendo elas, já tinha escutado o papo todinho. Aí uma pessoa queria entrar e outra chegava, aquela, gente: “deve está doente”, aí as meninas começaram “vamos dar assistência pra ela, alguma coisa está acontecendo” [risos].

V.: Era você que estava escondida dela.

A.: Num ponto, elas tinham fugido porque, as pessoas, nem sempre as pessoas são sociais, né, e acho que, não deixaram elas ir pra festa, sei lá, pro baile. Elas saíram fugida mesmo, ia pro baile.

G.: Foi no período você pegou a direção da escola, da Carlos Chagas, você foi em cinquenta e sete ...

A.: Olha, elas tinham internato aqui na, na avenida ...

V.: Cruz Vermelha ...

A.: Não ...

G.: Era na ...

V.: Na avenida Getúlio Vargas depois ...

A.: Avenida Getúlio Vargas, ali, eu me lembro desse, essa fuga foi lá na Getúlio Vargas.

G.: Foi na Getúlio Vargas.

A.: Agora, ali na Cruz Vermelha, eu me lembro ...

G.: Depois elas foram pra lá ...

A.: Foram, numa época de transição né.

G.: Foi. E depois foi pra atual sede.

A.: Foi, isso, nós pegamos ainda.

G.: Você quando você veio pra aqui, qual que era a diretora da escola.

A.: Eu me lembro que era a irmã, como que chama ...

V.: Emília.

A.: Emília.

G.: Emília, todo o período da irmã Emília.

A.: É, pra cá, da irmã Emília pra cá.

V.: Como que era o relacionamento com a irmã Emília.

A.: Olha, era como sempre né, ela era assim do jeito dela, um pouco introvertida, falava pouco e como eu tinha especialização eles respeitavam né, e essa conduta de entrar, saiu da sala, ligadura de trompas, essas discussões que eu às vezes, é, a minha conduta era diferente porque não era eu que estava ligando né, se aluna estava ali na sala eu vou sair com aluna e como é que faz.

V.: Como é que é esse negócio, quer dizer quando tinha esse tipo d atividade na sala, aluna não podia ficar.

A.: Não, aconselhava que a gente saia da sala no ato de ligar a trompa. Eu falei: “não, acho melhor a gente né, mandar um aviso que fulano de tal fez a ligadura” – perguntava qual o motivo mesmo da ligadura – uns falavam: “você não tem nada com isso”, eu falava: “não tem nada com isso, mas...” [risos] outros falavam: “ela pediu, né”, outras eram por algum problema, e a maioria era “porque ela pediu”.

V.: A irmã que pedia esse tipo de [inaudível]

A.: Não, aí a gente mandava que era nossa conduta de enfermeira obstétrica.

V.: Pedir pra [inaudível].

A.: Agora era aconselhável a gente sair da sala, qualquer coisa assim, mas que a gente não obedecia porque, eu achava que estava fora da ética né por boato de ligadura de trompa, como é que ia fazer ...

V.: E a irmã Emília era ...

A.: Tinha, a discussão minha com ela era mais isso, não sei se outras obedeciam, não entrei nesse detalhe não, mas eu não obedecia não, se eu estava supervisionando aluna ou de pós-graduação ou de curso de graduação, eu permanecia, aí ...

V.: Oh Aparecida ...

A.: Perguntava porquê mandava o relatório lá pra baixo né, o que que a chefia fazia, se jogava no lixo, aí era problema deles.

V.: Aparecida, na época sua de professora é, com a irmã Clarízia, com a Emília Clarízia né, tinha reuniões semanais, quinzenais dos professores, como que eram essas reuniões.

A.: Era pra realmente a gente falar dos problemas e pedir, reivindicar alguma coisa que a gente achava necessário né.

V.: Como que era a condução dessas reuniões pela irmã Emília.

A.: Olha, nem sempre a gente estava presente em todas as reuniões porque o motivo estava no plantão né. E às vezes era tarde, não estava no horário de trabalho mas a gente sempre obedecia o horário. Tinha uma época que a gente trabalhava só quatro horas, teve assim umas modificações de horário de trabalho e quando á, aí foi mudando a diretoria, eu não via assim problema não, eu acho que toda diretoria, conforme o tempo, elas agiram muito bem né, umas com mais política externa né, outras pro lado da reitoria, mas eu acho que o trabalho delas foram muito bons daqui da escola. A escola sempre progrediu né, vocês sabem, se a gente vê a história todinha, a gente lembra delas lá. E eu me lembro que às vezes as pessoas me apontavam, não porque eu não queria aceitar, mas é porque eu gostava era de cabeceira, era de enfermagem e dei muita assistência na área materno-infantil aí fora. Então eu tenho memorial, tem o meu currículo que eu fui assim fundadora ajudando fundar muitos se, reorganizar berçários, reorganizar maternidades, reorganizar isso, aí fora. E a Odete Valadares uma vez teve pra fechar, para entregar para os militares, eu, a irmã Vicência, irmã Vicência está no HC até hoje, é assistência social, trabalhava muito com a gente, muito em união conosco, a irmã Emília, o grupo todo. E a irmã Vicência, eu e a esposa do Dr. Silva de Assis fizemos um trabalho, que tem mais outras, e nós fomos lá no, no Dr. Moisés, sabe, e fizemos uma luta, fomos no secretário de saúde, fomos numa porção de lugares né pra pedir que a, a Odete Valadares não fechasse, era da Legião Brasileira da Assistência, LBA estava encerrando as atividades dela porque já tinha déficit de assistência pra área, de assistência ao parto. Se ela fechasse como que ia ser ...

G.: Pois é, e quais outros ...

A.: Aí nós entramos em contato com o Philadelpho e passamos a coisa pra ele na área da saúde porque estava dentro da política na era do estado, aí o Philadelpho ajudou.

V.: O que que o Philadelpho era na época.

A.: Eu penso que ele era, não sei se, não sei se já foi secretário de saúde, eu sei que ele era lá da secretaria de saúde e muito nosso amigo, professor da escola e agente passou a batalha pra ele. E eu sei que nós fizemos um reboiço muito grande aqui e a maternidade foi reaberta

através de um grupo que fundou depois a FHEMIG [Fundação Hospitalar Do Estado de Minas Gerais], né.

V.: Quais os hospitais que você trabalhava, que você levava os alunos pra estagiar.

A.: A gente procurava todos né porque, pra dividir um número pequeno de partos no HC, porque lá todo dia eles barravam lá a entrada. E só dava a entrada a gestante que fez pré-natal lá e elas tinham opção né, tinha, a, como é que chama, tinha mais direito do que as outras que não fizeram pré-natal e então, e, e, o parto é socorro de urgência, né gente, que está fazendo, não pode ficar mandando de um lado para o outro. então eu acho que sempre faltou é uma casa de partos, um serviço assim de domicílio como em São Paulo tinha lá no, num bairro né, uma cidade vizinha de São Paulo e que a gente ia fazer estágio, eu não cheguei ir lá fazer estágio não, mas o pessoal contava que eles faziam o parto, depois de duas horas de pós-parto, quatro, seis horas, levava a mulher para casa, né, sem problema nenhum, não sei, com supervisão da criança e da, da, e da puérpera em casa.

G.: Nesse período seu, você como professora de obstetrícia, é, tinha as dificuldades de conseguir os campos de estágio né ...

A.: Tinha muita dificuldade e quando a gente levava na, nas reuniões depois, com todas as diretorias e porque os outros professores, eles não estavam na altura de entender o problema sério que era da, assistência ao parto e a aluna questionava, eles questionavam que a gente às vezes nem sabia fazer parto.

G.: Pois é, falar em aluno e aluno masculino, falava pra gente porque a gente às vezes a gente escutava na escola da dificuldade do aluno, conta pra nós ...

A.: É, aluno masculino, nós tivemos uma dificuldade do aluno, é, presenciar os exames lá, assistência pré-natal né, e, um professor lá, um médico, acho que é o Anibal Lamego, ele não quis que o aluno ficasse presente. E ele como, e os estudantes de medicina, colocamos isso pra ele né, eu sei que houve depois uma reconsideração e continuou, porque eles não podiam discriminar o aluno de enfermagem só porque ele era homem, não é. E na parte prática também muitas enfermeiras achavam, elas também não gostariam que, ter uma higiene íntima feita por um homem né. Eu não vejo problema nenhum, não via naquela época, eu, parece que eu tinha uma cabeça muito aberta. Então, assim, muito diferente.

G.: Você tinha cabeça aberta [risos].

V.: Continua [risos].

A.: Continua, continuo.

V.: É, você estava falando da, da irmã Emília, é, no período da administração, você se lembra de quando ela saiu da escola.

A.: Ela fazia psicologia né, parece que ela colega da Carmelita, fazia psicologia. E podia ter alguns atritos, como eu não morava na escola, eu fazia questão de ficar a parte, eu não gostava de atrito, nunca gostei, agora na, na, na Odete Valadares teve um médico lá, Dr. Milton que era o diretor de lá né, um grupo de alunas, porque lá era assim, a enfermeira pode fazer o parto quando não tem o médico presente né, e toda vida, desde quando eu cheguei aqui, agora, lá, em todo lugar, no Estado do Rio, Amazonas né, é Campos, quem fez o parto é que escrevia lá, né, eu ainda não era nem enfermeira especializada, fiz vários partos lá em Campos, quando estava fundando, que tinha uma, uma sala de partos né. E às vezes o médico não chegava a tempo, eu ia deixar o menino caindo, não podia né, fazia o parto. E sempre que, colocava meu nome. Aqui tinha que botar o nome do médico de plantão, eu achei sempre desonesto e continuo até hoje. Esses dias a minha filha ganhou neném né, deu a luz a uma criança, Maria Izabel, e, e que aconteceu, o laudo lá saiu, quem fez o parto foi um médico e entrou o nome de outro, um absurdo, continua isso, quer dizer, uma política que precisa de mudar né, porque a responsabilidade é de quem fez.

V.: Falar em política, você estava falando do segundo envolvimento político que você teve né, quando nós estávamos falando de Getúlio Vargas lá trás, foi na época de sessenta e quatro, como é que foi isso.

A.: Sessenta e quatro a sessenta e oito porque uma das alunas perguntou, alguém me fez uma entrevista perguntando, “naquela época vocês arranjavam emprego por convite né”, aquilo, sabe, não descia na minha garganta e eu falei, gente, é mesmo, sempre eu fui convidada, manda pra aqui, manda pra li e tudo convite assim né, mandando mesmo, comprava passagem: “está aqui a sua passagem”, né, para ir hoje pra Manaus, lá ia eu, né. E a gente uma obediência cega pra nossos professores antigos porque a gente via uma qualidade nelas humanas e que elas queriam o progresso da enfermagem, queria que as enfermeiras fizessem especialização. Como eu tinha sentido na pele, professora da escola de enfermagem sem ser especializada, eu senti problema, então fui fazer especialização, com isso eu fui atendendo todos os pedidos delas. Então alguém fez uma entrevista comigo ou me perguntou, é, aí naquela época as enfermeiras eram convidadas, eu falei assim: “você acredita que eu não sei, eu fui convidada”. E eu fiz uma tese né, fiz uma tese para, livre docente porque eu já tinha direito de ser livre docente, aí o meu orientador de tese faleceu, aquilo pra mim foi a gota d’água, já estava estressada, cansada com a pesquisa, com muito estudo né. E eu ia em São Paulo uma vez por mês e antes eu estava fazendo uma disciplina, eu ia todo fim de semana, ia e não fiquei liberada da escola então eu ia lá pro Dr. Luís Andrés, não tinha aluna e eu ia pro Dr. Luís Andrés fazer cirurgia, foi bom que eu atualizei, aprendi muita coisa com o Dr. Luís

Andrés, nossa, como eu gostei de ter trabalhado com ele né. Então, aqui nós temos muitos médicos excelentes em BH, sabe. Com isso eu tive assim uma atualização mais, de, de enfermagem cirúrgica né e ao mesmo tempo eu ia em São Paulo fazer higiene materna na faculdade de saúde pública, era uma matéria que não tinha na minha disciplina e que o Dr. Cero que era o meu orientador de tese queria que eu fizesse. E um fim de semana eu tinha que ir com ele na sexta-feira, eu, ele, a esposa e umas pessoas lá, tomando cerveja após a aula de higiene materna, quando eu estava vindo pra BH, ele teve enfarte lá, no dia seguinte ele faleceu, quando eu cheguei aqui fiquei sabendo da notícia e minha tese já estava pronta, já estava na época de defender, eu tinha ido pra apresentar pra eles como eu ia defender. Aí eu não consegui ir mais, e, e depois, aí eu fiquei falando que eu não tinha segurança, porque o pessoal não me deixava, “vai, vai, continua” – a turma toda que me incentivou, que me ajudou, Marília, Carmelita, a Nilza que foi uma mãe pra mim né, fazendo aqueles trabalhos naquelas máquinas, e, coitadas, me ajudaram muito, mas acontece que eu não tinha condições nenhuma, psicológica, nem física por causa da morte desse meu professor que era meu orientador. Agora, porque eu não tinha orientadora de, de enfermagem, não sei, porque eu não procurei. Não sei porque também, não sei me responder. Eu mesma me questionei porque eu não tinha uma orientadora professora de enfermagem não é, e com isso fiquei com orientador porque ele queria que eu fizesse pesquisa nessa área e acabei não defendendo a tese e que eu me arrependi depois, não é. Aí veio o concurso pra professor titular, que eu ia receber de graça quando apresentasse, falei – “não quero título”, que eu sou assim, acho título não faz a pessoa, com isso eu falei assim: “não quero esse título de graça”, por causa dessa pessoa que me perguntou: “você foi convidada né, aqui entra por convite?” – uma coisa assim aquilo me marcou, porque eu sei lá, se eu era orgulhosa na época, e agora né, só estou me lembrando dessa fase. Aí eu fiz concurso pra professor titular, quem estava na banca uma professora do Estado do Rio de Janeiro, é isso que eu acho um absurdo, né, que é a Ivone que foi minha aluna lá em Manaus, não é. E, a Maria Ivone, Maria Ivone Chaves e vários médicos, porque também eu não sei, inclusive o Ângelo né, professor Ângelo e outros aqui, não sei porque que era mais médico do que enfermeiro e essa de lá, não tinha nenhuma de Belo Horizonte, porquê também eu não sei. Aí a Carmelita ganhou em primeiro lugar né e que o pessoal daqui achou ruim porque eu já tinha mais tempo de casa e, e eu era mais velha, bobagem isso aí né. E, ela levou o título de professor titular. Quando foi na hora de aposentar que eu tinha acesso, era professor adjunto referência quatro, falei: “não, não quero esse título de graça, eu vou ficar com os 20%” – pra não ter o título de professor titular, pronto, acabou. E eu aposentei como professor, é, é, adjunto, referência quatro.

V.: Quando que você aposentou.

A.: Oitenta e seis. Mas isso, nunca me marcou coisa nenhuma. Eu só estou contando a história porque da coisa. Aí a Izaltina: “Aparecida, você é doida vai fazer livre docência e fazer concurso pra professor titular que você vai ganhar de graça”, eu falei: “Pois é, eu eu não quero nada de graça mais” – falei com ela – “de graça eu não quero mais nada” – foi isso que eu respondo para ela. E ela: “tá bom, vai”.

V.: Você falou da dona Izaltina, é, voltando um pouquinho na história, você se lembra do período da construção da escola ...

A.: Nossa! Como eu me lembro, nossa!, como eu me lembro.

V.: Fala pra gente.

A.: Eu era do conselho né, departamental era conselho da escola né ...

V.: Era na época.

A.: Era colegiado ...

V.: Colegiado ...

A.: Colegiado depois que mudou né. E eu sempre caia na diretoria e eu ia no estágio, ia lá no pré-natal depois que eu ia pra diretoria a partir de dez horas, mas eu ia. Não conseguia, sabe, cortar o umbigo dos, do meus serviços, da minha prática no serviço lá, porque eu fazia sempre pesquisa aplicada aquilo que eu estava fazendo, então tenho muito trabalho, é, em cima de assistência de enfermagem no pré-natal, orientação de curso e ajudei a fundar muito curso de preparo pra gestante na, no hospital do IPSEMG, né, na [Hospital] Odete Valadares e, Santa Casa, um porção de lugares eu sempre ajudava um pouquinho nessa área. E a Izaltina era uma pessoa muito dinâmica, né, vivia e eu, viajando e eu vivia substituindo a Izaltina. E ela trabalhou muito e me deu todo apoio e eu gostava muito, gostava de todas né, mas com a Izaltina o nosso relacionamento era muito grande.

V.: E a construção da escola, você estava falando.

A.: Estava muito bacana né e ela, e tudo que envolvia, só não pegava a chefia né, porque eu tinha meus pais idosos depois eles vieram pra cá. E eu arranjei namoro, noivado, casamento, aí eu tinha mais duas coisas pra fazer, vieram os filhos né e aí me afastou mais dessa parte de diretoria, chefia, departamento, não pegava porque eu achava que era mais compromisso né e que eu teria que permanecer mais tempo, que não dava tempo mesmo é, em oito horas de trabalho, fazer tudo né.

V.: É, a questão administrativa relacionada a desanexação você participou.

A.: Ainda tive também, por causa dessa pergunta ainda fez um concurso, aí foi chamada pelo do, ex-IAPI, passei em terceiro lugar. Aí fui chefiar pré-natal, organizei. Então aí nesse

período eu fiz, foi em sessenta e cinco, eu fui nomeada né pra o ex-IAPI, então era chefe de serviço pré-natal. Então nós conseguimos depois com o INAMPS, conseguimos na, na época da reestruturação da junção de todos os IAPs, aí ficou, INAMPS né. E chegou a sair muitos médicos de todos os institutos e muitos pacientes, muita gestante, é, aumentou a demanda e nós então às vezes a gente tinha que dar assistência ao parto lá na Avenida Amazonas, dentro do carro levando para maternidade. Então nós lutamos pra desanexar, é, anexar o pré-natal que era único ali na Avenida Amazonas, no quinto andar pra ficar em cada maternidade. Aí ficou em cada maternidade, e eu era sozinha enfermeira obstétrica, as outras foram pros postos muito bem, eu era enfermeira obstétrica, onde que eu ia ficar!?! Não podia ficar, os médicos eram vários, cada um foi pra sua maternidade. Aí eles queriam que eu fosse, ficar na chefia né, na chefia de postos, na, algum lugar de posto. Eu falei: “oh, eu tenho especialização, eu preciso ficar na área materno-infantil”. Aí então eles me mandaram pro serviço de puericultura do INAMPS da Baleia, e eu dei consulta de enfermagem, fundei lá consulta de enfermagem. E foi muito bom, aprendi muita coisa da puericultura que eu não sabia ...

V.: Nesse período, você ...

A.: Nossa, adorei!, ficava com a escola e o INAMPS.

V.: Ah, os dois.

A.: Os dois. Aí depois teve um processo administrativo que eu tinha dois empregos federais, eu não podia ficar. E eu já sabia que eu tinha que largar um e a [Maria] Auxiliadora [Córdova Christófar] é que, que ela foi, entrou na comissão pra fazer o julgamento do meu processo.

V.: Qual [inaudível].

A.: Eu falei: “não precisa fazer não, que eu vou pedir demissão” – “ah, você não vai não, tem que lutar”. Não dá mesmo que eu saía sete horas de casa, né, seis horas, seis e meia e só chegava em casa sete horas da noite. E aí já tinha crianças né e tudo e eu estava assim muito preocupada. E depois, eu que estava querendo optar como enfermeira, eu já tinha o concurso, era o, era o emprego, como que se diz, federal também, né, aí eu estava querendo optar por causa de ser enfermeira de cabeceira, enfermeira da parte prática. Aí o que aconteceu, a escola é, naquela época eu fiquei até mil novecentos e oitenta lá, né, quando foi de oitenta a oitenta e dois a escola pediu pra eu liderar uma campanha do aleitamento materno, que começou naquela época e o INAMPS também me pediu. Então né, porque eu era enfermeira obstétrica, então eu fiquei eu e Navonteno, Dr. Navonteno, fizemos essa campanha do aleitamento materno, Belo Horizonte, Minas Gerais inteira, imensidade de maternidade, de pessoal da área do INAMPS né e aí fizemos muitas palestras, muitos cursos. Quando foi em oitenta e dois,

terminou a campanha aí eles queriam que eu fosse chefiar o Padre Eustáquio, aí eu falei: “não posso”, aí o Dr. José Luís Versosa era chefe do INAMPS, ficou insistindo – “não” – eu era, né, nessa época eu fui da campanha, ele me colocou em disponibilidade pra Baleia [Hospital]. Na época um tal de Dr. Luís Vasconcelos, cardiologista, médico de doença cardiovascular, aí ele insistiu comigo que eu tinha que obedecer, lotando aquela autoridade em cima, eu falei: “do mesmo jeito que médico tem especialidade, enfermeira também tem”, então eu fui lá na sessão pessoal pra pedir o papel pra pedir a demissão, ele ficou assustadíssimo – “não, mas que ela é concursada, quantos anos de serviço, não pode” e falei, aí me chamou lá, falou tudo – “o senhor faz operação de que mesmo?” – ele falou né: “cardiovascular”, eu falei assim “será que o senhor consegue fazer de catarata, troca né, vai fazer uma catarata pra ver se o senhor consegue” e comecei a mostrar pra ele o valor da especialidade em todas as áreas, não só a da medicina, mas, eu já tinha conversado com a Izaltina, Izaltina: “não, pode vir, o tempo integral tá aqui”, as outras eu não tinha pegado tempo integral nem, desde que comecei na escola, eu não peguei nenhum tempo integral por causa do, do INAMPS né, e aí eu fui lá: “Izaltina, o que você acha”, ela falou: “pode deixar que amanhã mesmo eu mando o processo”. Eu fui deixando, no dia seguinte já entrei e trabalhei mais cinco anos na escola, que eu tinha que aposentar com, é, vinte e cinco anos né, eu trabalhei trinta ou trinta e cinco. Quando eu fui aposentar o senhor lá da reitoria: “porque a senhora trabalhou cinco anos de graça pra universidade” – eu falei: “trabalhei?” eu não sabia, eu não tinha tempo nem de ver os meus direitos não, só via deveres, mas também nem via deveres, eu estava trabalhando assim numa boa. E aquilo me passou despercebido e eu trabalhei cinco anos para a universidade.

V.: Um pouquinho antes Aparecida, alguma aluna especial, algum problema com aluna administrativamente que você tenha sabido, participado na década de sessenta.

A.: Eu via lá, escutava falar, mas eu acho assim que o ser humano está aí na face da terra, seja ele qual for e alguns deles pode acometer alguns erros, isso aí é próprio do ser humano e Deus é pai, está aí pra perdoar todos os erros dos seres humanos né, menos o que a sociedade aí põe para os assassinos né que às vezes eles estão lá na grade, mas não tendo oportunidade de recuperar, eu acho que esses erros humanos aí, eu não me envolvia muito não, eu nunca ia contra ninguém, nem dedava ninguém, apesar de ter ...

[FINAL DA FITA 2 – LADO A]

[FINAL DA ENTREVISTA]

[FITA 2 – LADO B NÃO FOI GRAVADA]